

ENTREVISTA

DOSSIÊ ESTUDOS EM SEMIÓTICA SOCIAL NA AMÉRICA LATINA

**“OS TEXTOS QUE LEMOS OU PRODUZIMOS PRECISAM SER
DESCONSTRUÍDOS, ‘DEFAMILIARIZADOS’, ENTENDIDOS COMO
PRÁTICAS SOCIAIS”:** ENTREVISTA COM VIVIANE HEBERLE (UFSC)

Entrevista concedida a Fábio Alexandre Silva Bezerra¹

Universidade Federal da Paraíba

Entrevista concedida por Viviane Heberle²

Universidade Federal de Santa Catarina

Recebido em: março de 2021

Aceito em: maio de 2021

DOI: 10.26512/les.v22i1.37078

Na segunda semana de dezembro de 2020, o Prof. Dr. Fábio Alexandre Silva Bezerra, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), entrevistou a Profa. Dra. Viviane Heberle, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Por conhecer de perto, na condição de ex-orientando de mestrado e de doutorado, a estreita relação da entrevistada com os estudos em semiótica social e os estudos identitários em sua longa e ilustre carreira acadêmica, esta entrevista aborda as contribuições do nosso homenageado, Prof. Dr. Gunther Kress, para a compreensão acerca das diversas maneiras que textos multimodais criam representações, estabelecem relações e desenham composições reveladoras de traços e marcas identitárias na sociedade contemporânea. Esta entrevista se desenvolveu por meio de trocas de mensagens sequenciais no espaço de uma semana, tanto por e-mail como por celular, configurando, de maneira apropriada para a temática, trocas síncronas e assíncronas em suportes digitais em desafiantes tempos de pandemia. Esperamos que esse diálogo, assim como acontece em nossas relações cotidianas, lhes desperte sentimentos, memórias, aprendizados, questionamentos, novos e/ou renovados interesses, além de ser recebido como um tributo não somente ao inestimável trabalho intelectual de Kress, mas, também, e talvez especialmente, à maneira como conduziu

¹ Doutor em Língua Inglesa e Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina. PhD em Linguística pela *University of Sydney*. Professor Associado do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, onde colidera o GEPLAM – Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Sistemico-Funcional, Análise Crítica do Discurso e Multimodalidade/Multiletramentos (UFPB/CNPq). E-mail: fabes10@yahoo.com.br.

² Professora Titular aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Inglês. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq na área de Linguística Aplicada. E-mail: viviane.m.heberle@gmail.com.

suas relações com seus pares ao longo de sua vida, estimulando genuínas experiências identitárias e ricas trocas intelectuais.

Primeiramente, Viviane, gostaria de agradecer você ter aceito conceder entrevista para este Dossiê Especial. Estou feliz em poder continuar nossas conversas, agora por meio de entrevista, sobre multimodalidade, identidades e discurso, aspectos constitutivos de questões sociais complexas na atualidade e tão caros para Kress, nosso homenageado. Que tal começarmos falando sobre como você iniciou seus estudos em multimodalidade, e como ocorreu a aproximação com as publicações de Kress?

Quero em primeiro lugar agradecer a você, Fábio, à Janaína e também à equipe dos *Cadernos de Linguagem e Sociedade* pela oportunidade de poder falar um pouco sobre o Professor Gunther Kress e sobre sua influência em minha vida acadêmica. Sem dúvida, ele se destacou como um grande educador, pesquisador e entusiasta de estudos da linguagem, linguística sistêmico-funcional, análise crítica do discurso e multimodalidade.

Meu primeiro contato com as ideias inovadoras e ousadas de Kress ocorreu nas disciplinas de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Inglês da UFSC, ministradas pelos professores Carmen Rosa Caldas-Coulthard e José Luiz Meurer, entre 1992 e 1994. A leitura dos livros *Linguistic processes in sociocultural practices* (KRESS, 1989), *Language as ideology* (1979), com Bob Hodge, *Social semiotics* (1988), também com Bob Hodge, e *Language and control* (1979), com Roger Fowler, Tony Trew e novamente Bob Hodge, proporcionou uma visão sobre o que se convencionou chamar “Linguística Crítica”, uma abordagem que estabelecia uma relação intrínseca entre a estrutura da linguagem e a estrutura social.

No livro *Language and control*, por exemplo, considerado um dos precursores da análise crítica do discurso, os quatro autores (Roger Fowler, Tony Trew, Gunther Kress e Bob Hodge), então docentes na Universidade de East Anglia, em Norwich, na Inglaterra, investigam textos diversos, tais como regras para uso de piscina num clube, editoriais de jornais, propagandas, diferentes tipos de entrevistas, cartões de visita, e até certidão de nascimento e anúncios de nascimento em jornais. E já se percebia a estreita ligação desses autores com a investigação de aspectos linguísticos e socioculturais, da relação entre linguagem e sociedade. Claro, atualmente alguns desses gêneros textuais podem até ser obsoletos, mas, naquela época, esses estudos contribuíram para que textos da vida cotidiana pudessem ser considerados objetos de pesquisa em estudos críticos da linguagem. Como foi o meu caso de estudos de linguagem e gênero em revistas para mulheres e propagandas

diversas, como em Heberle (1999, 2004). Conforme o próprio Kress nos diz, em relação à Linguística Crítica, uma questão importante era a análise do funcionamento do poder (*power*) das práticas linguísticas (KRESS, 2001).

Outras duas aproximações importantes com o Professor Gunther Kress aconteceram durante meus estudos de doutorado sanduíche (como bolsista da CAPES) na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, sob a orientação do Professor Malcolm Coulthard, em 1993-1994. Na biblioteca, li a primeira edição do livro *Reading Images*, que Kress escreveu com Theo van Leeuwen (em 1990), publicado pela Deakin University. E, na minha tese de doutorado, com base nesse livro, já pude efetuar uma breve análise das imagens das editoras-chefes nas revistas para mulheres.

Além disso, na Universidade de Birmingham, todas as quartas-feiras havia um seminário denominado ELR (*English Language Research Seminars*), onde o Prof. Gunther Kress, que já estava atuando na Universidade de Londres, foi um dos convidados. Sua palestra convergiu para a visão de que uma teoria da semiótica social (com base em Halliday) deveria focar nos textos, nos contextos sociais e nas práticas sociais realizadas pela linguagem verbal, aliados a outros modos (*modes*) na produção de significado. Assim, aos poucos, o Prof. Kress, cada vez mais, se dedicava a estudar outros modos de representação, outros recursos semióticos, além da linguagem verbal para a comunicação.

Do livro inicial de 1990, *Reading Images*, editado pela Deakin University, duas edições subsequentes do livro inicial, aprimorado, com especificações no subtítulo (*A grammar of visual design*), foram publicadas em 1996 e em 2006. Essas duas edições tornaram-se *best sellers* no mundo contemporâneo, principalmente nas áreas de estudos da linguagem com fundamentação teórica da linguística sistêmico-funcional (LSF), análise crítica do discurso e áreas afins. Kress e van Leeuwen ofereciam possibilidades de sistematização para a análise de imagens, com base nas categorias da LSF. A publicação, novamente com van Leeuwen, em 2001, do livro *Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication* também merece destaque, pela discussão, além das sistematizações propostas em *Reading Images* para a uma teorização sobre práticas e recursos semióticos, sobre como o significado (*meaning*) é produzido de diferentes formas, com o uso de diversos recursos semióticos, nos vários modos e mídias, num conjunto comunicacional (*communicational ensemble*).

Como educador, os ensinamentos de Kress também se tornaram importantes para mim porque sua visão de letramento vai além da leitura e escrita de textos, mas está ligada a alternativas de igualdade

social para crianças e adolescentes, com um olhar voltado para diferenças culturais. Kress integrou o grupo de pesquisadores do *New London Group* (1996), cujo interesse era vislumbrar questões fundamentais para a educação no futuro, ligada a multiletramentos. Em 1998, por exemplo, ele sugere que materiais devem levar em conta “possibilidades de engajamento cognitivo, intelectual, semiótico e cultural” das crianças (KRESS, 1998, p. 13).

O livro *Before writing: Rethinking the paths to literacy* também traz reflexões cruciais sobre letramento, com exemplos dos diferentes recursos semióticos usados por crianças como blocos de Lego, fantoches, recortes de papel, programas de TV, entre outros. Kress enfatiza a variedade e complexidade de formas de produção de sentido elaborado por crianças, através desses diferentes recursos semióticos, que, muitas vezes, não são reconhecidos pelos adultos por não serem representantes de normas culturais. Embora atualmente já haja reconhecimento de diversas formas de representação, como o uso de vídeos, sons, e imagens nas produções dos alunos nas escolas, ainda precisamos reforçar a importância dessa multiplicidade de recursos semióticos na educação.

Lembro também de uma outra circunstância: Uma aluna, agora Dra. Sidnéia Nunes Ferreira, havia feito um curso com o Prof. Kress na University of London, e nós o convidamos para integrar a banca de doutorado dela. Ele lembrava da Sidnéia e gentilmente aceitou o convite. Seu parecer elogioso sobre a tese mostra o cuidado e o talento dele para apresentar suas ideias de forma inventiva e habilidosa. Outras oportunidades de interação com o Kress também merecem destaque. Sua participação na Conferência de Multimodalidade, na Universidade de Londres, em 2010.

Além disso, quando dei uma palestra no *Department of English* na Hong Kong Polytechnic University (PolyU), em Hong Kong, ele foi assistir e pudemos também interagir. Também na PolyU, Kress foi um dos plenaristas do 7º ICOM (International Conference on Multimodality), em 2014, e nós dois participamos como docentes num *workshop* sobre multiletramentos na Guandong University of Foreign Studies, em Ghuanzou, na China (Fig. 1). Infelizmente, o último contato direto com ele ocorreu em 2018, na Southern Denmark University, por ocasião do 9º Congresso de Multimodalidade (Fig. 2).

Em todos esses momentos especiais, o Prof. Kress sempre foi muito gentil, atencioso e disposto a conversar. Bem, Fábio, essas são algumas das boas lembranças que guardo com carinho do saudoso Prof. Kress.

Figura 1: Viviane Heberle, Gunther Kress e Len Unsworth (palestrantes do 1st GDUFS-HKPU Multiliteracies Forum), com Yiqiong Zhang (anfitriã), em Guangzhou (China) em 2014.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2: Theo van Leeuwen, Viviane Heberle e Gunther Kress na *Southern Denmark University*, em Odense (Dinamarca) em 2018.



Fonte: Arquivo pessoal.

Viviane, você mencionou tantas coisas interessantes que ficou até difícil saber por onde continuar (risos). Assim como eu, imagino que muitos/as de nossos/as leitores/as adorariam ter tido, ou ainda ter, contato com essa edição do *Reading Images* de 1990. Pensando justamente sobre essa necessária evolução do conhecimento a partir de novas demandas sócio-históricas, e entendendo que “o significado é sempre negociado no processo semiótico, nunca simplesmente imposto inexoravelmente de cima por um autor onipresente por meio de um código absoluto” (HODGE; KRESS, 1988, p. 12), qual seria, na sua opinião, o maior desafio da educação na atualidade para dar conta, como você destaca, dessa multiplicidade de recursos na produção de sentidos?

Nossa, acho que há vários desafios e não somente um, principalmente a partir deste triste ano, 2020, que exigiu muita coragem e inovações na educação. Mas, como você disse, citando Hodge e Kress, o significado é sempre negociado no processo semiótico. Kress enfatiza a relação intrínseca entre linguagem e cultura e considera a linguagem como um dos recursos sociossemióticos para a produção e interpretação de textos. Segundo Kress (1989, p. 5, apud MEURER, 1997, p. 15-16), “cada indivíduo é um agente social inserido em uma rede de relações sociais que acontecem em lugares

específicos de agrupamentos sócio-culturais específicos”. Assim, concordo com Kress (1989) que um dos desafios na educação é justamente educar os jovens para serem leitores críticos, resistentes, eficazes e ativos, que consigam desconstruir textos para seu próprio benefício, seu crescimento pessoal e profissional, a fim de se tornarem cidadãos ativos em suas comunidades e conscientes de seu papel no mundo.

Na verdade, o Kress enfatiza o uso de diversos recursos semióticos para a aprendizagem e diz que a aprendizagem ocorre em cada signo produzido, e não somente em signos pré-estabelecidos, institucionalizados (como os da escola). Kress (1998, p. 21) nos diz que “um texto, qualquer texto, é um microcosmo do mundo social no qual é produzido”. E acrescenta: Ele (o texto) “encapsula, de forma irrefutável, uma verdade cultural sobre o(s) indivíduo(s) que o produziu/ram – seja um filme, uma carta, qualquer texto escrito num local de trabalho, um editorial de jornal”. Em consonância com os princípios do *New London Group*, Bezemer e Kress (2016) procuram mostrar como a comunicação e a aprendizagem são interligadas e mutuamente constituídas, na produção de significados (*meaning-making*), com ênfase em seu caráter inovador e transformador. E isso envolve questões de poder, de políticas públicas, de áreas acadêmicas interligadas, de quebra de barreiras socioculturais e linguísticas. O que não é fácil, porque falamos muito em transdisciplinaridade, multidisciplinaridade, mas, na prática, as áreas acadêmicas são ainda muito fragmentadas.

Então, com base nos ensinamentos de Kress e em Kalantzis *et al.* (2016), acho que um dos grandes desafios é este: a compreensão e aplicação de um olhar multimodal ao ensino, relacionado com multiletramentos, que envolvem a compreensão e produção de significados escritos, visuais, espaciais, gestuais, tácteis, no mundo multimidiático e multicultural contemporâneo.

Daí também a necessidade de se estudar diferentes gêneros textuais (com características lexicais, gramaticais, textuais e multimodais diversas). Então, para mim, segundo Meurer (2000, p. 152-153), com base em Kress, Halliday e teóricos que investigam gêneros, tais como Motta-Roth (2008), é necessário também valorizar o papel dos gêneros textuais para a formação dos profissionais da linguagem:

Os conhecimentos que os seres humanos possuem, sua identidade, seus relacionamentos sociais e sua própria vida são em grande parte determinados pelos gêneros textuais a que estão expostos, que produzem e ‘consomem’. Pode-se mesmo afirmar que a própria cultura de um país, como um todo, é caracterizada pelo conjunto dos gêneros textuais produzidos e utilizados pelos seus cidadãos. Consequentemente, a investigação e o ensino sistemáticos dos diversos tipos de textos em uso – escritos por quem, para que fins, como, em que ambientes, com que grau de transparência ou

de camuflagem hegemônica e ideológica – são essenciais para a formação dos profissionais responsáveis pelo ensino da linguagem no país.

Quando você destaca a importância do foco nos multiletramentos para a formação de leitores/as críticos/as e resistentes, penso justamente no desafio que tem sido fazer com que professores/as em formação inicial e continuada entendam que isso implica não apenas trabalhar com textos multimodais em sala de aula, mas também explorar a multiplicidade de culturas e de identidades que constituem a riqueza de nossas experiências em sociedade, desafiando dicotomias como “cultura erudita/popular, central/marginal, canônica/de massa” (ROJO, 2012, p. 13-14), para também incluir o que é produzido por indivíduos e comunidades que são frequentemente marginalizados quanto a seus conhecimentos, suas experiências, suas identidades, e seus corpos – exclusões estas geradas a partir de intersecções de violências, materiais e simbólicas, por questões de raça, etnia, classe social, gênero, e sexualidade. Quais seriam caminhos viáveis para imprimir esse caráter de inclusão das diferenças culturais e identitárias nas aulas quando vivemos um momento histórico no Brasil de ataques a direitos humanos, especialmente das minorias, havendo, inclusive, tentativas de cerceamento da atividade docente por meio de iniciativas como o Escola sem Partido?

Fábio, você novamente tocou em questões muito relevantes para a Linguística Aplicada. Entendo a LA como área mestiça, indisciplinar, de acordo com Moita Lopes, e de natureza transdisciplinar, que vai além de estudos linguísticos para pesquisar o uso da linguagem em contextos socioculturais. A LA “mestiça” dialoga com outras áreas do conhecimento, tais como a análise do discurso, os estudos culturais, a geografia, a antropologia, a sociolinguística interacional e a sociologia, entre outras (KLEIMAN; DE GRANDE, 2015). E a Roxane Rojo e o Luiz Paulo Moita Lopes já diziam em 2004: “Ensinar a usar a linguagem e a entender como a linguagem funciona no mundo atual é tarefa crucial da escola na construção da cidadania” (ROJO; MOITA LOPES, 2004, p. 46).

Bem, para nós, linguistas aplicados, investigarmos questões sociais mais de perto, possíveis caminhos parecem ser através de estudos críticos do discurso (como a análise crítica do discurso) e de multimodalidade, entendida também como área transdisciplinar que investiga “as potencialidades, o uso e o desenvolvimento de construção de sentido de diferentes recursos semióticos” (DJONOV; ZHAO, 2018, p. 3), ou, como nos diz Kress (2000), como uma abordagem sociossemiótica da comunicação contemporânea.

Vejo que devemos nos preocupar com a questão de olhar para a diversidade, para a inclusão de diferenças culturais e identitárias, que inclui respeitar as diferentes culturas locais, as pessoas de orientação sexual diferente, as pessoas vulneráveis, de modo geral. E as questões de diversidade, de inclusão social, a meu ver, podem estar estreitamente vinculadas aos estudos críticos do discurso, à multimodalidade e aos multiletramentos, pelo olhar que vai além das fronteiras rígidas, que transcendem as barreiras. E com foco tanto no contexto sociocultural mais próximo quanto no contexto mais amplo. Acho importante as/os estudantes pesquisarem seu próprio ambiente e também aquele mais amplo, entenderem o estudo da linguagem como prática social multissemiótica.

Assim, entendendo multiletramentos, aprendizagem e ensino como práticas sociais interligadas, acredito na relevância da Linguística Aplicada para o desenvolvimento de leitura crítica, do ensino de línguas e de questões educacionais inclusivas, e também para subsidiar estudos em relação às tecnologias digitais, como, por exemplo, estudos de jogos digitais. Acredito também que estudos em multimodalidade e multiletramentos, fundamentados nas perspectivas teórico-metodológicas da Linguística Sistêmico-funcional e da Gramática do Design Visual, podem contribuir para a investigação de diferentes recursos semióticos (além da linguagem verbal) nos textos de diferentes práticas sociais contemporâneas.

Esse caráter de mestiçagem da Linguística Aplicada brasileira, que destaca a importância de questionarmos e superarmos a rigidez de fronteiras disciplinares, aponta, a meu ver, para um desafio que ainda estamos começando a enfrentar: o desenvolvimento de uma perspectiva descolonial de *suleamento* (FREIRE, 1992) dos nossos olhares e dos nossos posicionamentos epistemológicos (SANTOS, 2014). Em que medida você acredita que temos conseguido utilizar produções de conhecimento desse Norte epistêmico de maneira a levar em consideração nossas realidades locais? E, para além disso, temos conseguido ocupar nosso lugar de produtores/as de conhecimento como pesquisadores/as localizados/as no Sul epistêmico?

A questão de epistemologias do Sul e do Norte há algum tempo vem sendo discutida em LA, principalmente em relação a grandes temas *glocais* (aqui entendidos como de interesse global, mas com características locais específicas!) como identidades de gênero, inclusão social, ideologias, direitos humanos, entre outros. O conceito “epistemologias do Sul” é de Boaventura de Sousa Santos. Segundo Meneses (2008, p. 10), “[a]s epistemologias do Sul procuram incluir o máximo das experiências de conhecimentos do mundo, incluindo, depois de reconfiguradas, as experiências de conhecimento do Norte”. Ainda segundo Meneses (2008), uma antropóloga de Moçambique, o

conceito tem trazido à tona, por um lado, questões relacionadas à *persistência da colonização epistêmica, subalternização de outros saberes, reprodução de estereótipos e formas de discriminação, relação colonial de exploração e dominação* do Norte em relação ao Sul. Ao mesmo tempo, pode-se observar uma preocupação com *diversidade epistemológica, alternativas epistêmicas emergentes* (MENESES, 2008), ou *diálogo multicultural* (ROJO, 2009), que abrange além da cultura canônica, convencional, as culturas populares, locais, as culturas de massa. E esse diálogo é muito importante. O uso da Internet – intensificado principalmente na pandemia do coronavírus (SARS-CoV-2) – possibilitou que pessoas de grupos mais vulneráveis da sociedade pudessem participar de conversas antes restritas a comunidades de práticas específicas.

No Brasil, pesquisas de LA têm produzido, sim, conhecimento sobre nossas realidades. Novamente, fazendo um gancho com a sua fala, Fábio, com base em Kress, Rojo (2009) e outros pesquisadores de multiletramentos, os textos que lemos ou produzimos precisam ser desconstruídos, “desfamiliarizados”, entendidos como práticas sociais, pois não ocorrem num vácuo, mas em contextos socioculturais específicos, com suas próprias características, que ora convergem para parâmetros normativos, protocolares e ora atuam em forças centrífugas, transgressoras em relação às normas vigentes. Pela perspectiva de multimodalidade, da análise do discurso espacial, uma biblioteca, como discutido em Ravelli e McMurtrie (2012), ou uma escultura, por exemplo, são consideradas “textos multimodais”. Ou memes, páginas da Internet, propagandas, filmes, avisos, advertências...

Assim, o estudo de um texto multimodal deve levar em conta não somente forma e função comunicativa, que inclui categorias analíticas específicas, como as propostas pela Linguística Sistêmico-funcional e pela Gramática do Design Visual, por exemplo, mas também uma problematização, um questionamento sobre quem produziu o texto, a partir de que lócus de enunciação, para quem, por que, como o texto está desenvolvido, que características semióticas estão representadas... (ver, por exemplo, perguntas sugeridas por MOTTA-ROTH e HEBERLE, 2015, p. 27).

Viviane, como sempre, foi tão bom interagir contigo sobre questões que nos são tão caras, ainda mais agora em formato de entrevista para compor Dossiê em homenagem ao nosso querido e saudoso Kress. Obrigado, mais uma vez, pela disponibilidade e pela gentileza que te são tão características, especialmente durante os desafios que essa pandemia tem nos apresentado. Sem deixar de apreciar a dádiva do momento presente, sigamos na esperança de dias melhores!

Fábio, eu é que agradeço muito pela oportunidade. Foi muito bom poder conversar com você sobre a influência do Kress em minha carreira e questões importantes da LA no Brasil. Também espero que consigamos superar com êxito os obstáculos que a humanidade está enfrentando. Dias melhores virão, com certeza!

REFERÊNCIAS

- BEZEMER, J.; KRESS, G. **Multimodality, learning and communication: a social semiotic frame**. Nova York, Londres: Routledge, 2016.
- DJONOV, E.; ZHAO, S. Social semiotics: a theorist and a theory in retrospect. *In: ZHAO, S.; DJONOV, E.; BJÖRKVALL, A.; BOERISS, M. (org.) Advancing multimodal and critical discourse studies: interdisciplinary research inspired by Theo van Leeuwen's social semiotics*. Nova York, Londres: Routledge, 2018. p. 1-17.
- FOWLER, R.; HODGE, B.; KRESS, G.; TREW, T. **Language and control**. Londres: Routledge, Kegan Paul, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- HEBERLE, V. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de ideias?. **Linguagem em (Dis)curso**, v. especial, p. 40-55, 2004.
- HEBERLE, V. A representação das experiências femininas em editoriais de revistas para mulheres. **Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad**, v. 1, n.3, p. 73-86, 1999.
- HODGE, R.; KRESS, G. **Social semiotics**. Nova York: Cornell University Press, 1988.
- KALANTZIS, M.; COPE, B.; CHAN, E.; DALLEY-TRIM, L. **Literacies**. 2. ed. Port Melbourne: Cambridge University Press, 2016.
- KLEIMAN, A; DE GRANDE, P. Interseções entre a Linguística Aplicada e os Estudos de Letramento: desenhos transdisciplinares, éticos e críticos de pesquisa. **Matraga**, v. 22, n. 36, p. 11-30, 2015.
- KRESS, G. **Before writing: rethinking the paths to literacy**. Nova York, Londres: Routledge, 2005.
- KRESS, G. From Saussure to critical sociolinguistics: the turn towards a social view of language. *In: WETHERELL, M.; TAYLOR, S.; YATES, S. (org.) Discourse theory and practice: a reader*. Londres, Thousand Oaks, Nova Deli: Sage, 2001. p 29-38.
- KRESS, G. Multimodality: challenges to thinking about language. **TESOL Quarterly**, v. 34, n. 2, p. 337-340, 2000.
- KRESS, G. Meaning as work: individuals, society and the production of representational resources. *In: SÁNCJEZ-ACARRRO, A.; CARTER, R. (org.) Linguistic choice across genres*. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins, 1998. p. 3-26.
- KRESS, G. **Linguistic processes in sociocultural practices**. Oxford: OUP, 1989.
- KRESS, G.; HODGE, R. **Language as ideology**. Londres, Boston, Henley: Routledge, Kegan Paul, 1979.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2 ed. 2006[1996].

- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. Londres: Arnold, 2001.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**. Geelong: Deakin University Press, 1990.
- MENESES, M. P. Epistemologias do Sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 80, p. 5-10, 2008.
- MEURER, J. L. Esboço de um modelo de produção de textos. *In*: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (org.) **Parâmetros de textualização**. Santa Maria: Editora UFSM, 1997. p. 13-28.
- MEURER, J. L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. *In*: FORTKAMP, M.; TOMITCH, L. (org.) **Aspectos da Linguística Aplicada**. Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000. p. 149-166.
- MOTTA-ROTH, D. Para ligar a teoria à prática: roteiro de perguntas para orientar a leitura/análise crítica de gêneros. *In*: MOTTA-ROTH, D.; CABAÑAS, T.; HENDGES, G. (org.) **Análises de textos e de discursos**: relações entre teorias e práticas. 1 ed. Santa Maria: PPGL Editores, 2008. p. 243-272.
- MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. A short cartography of genre studies in Brazil. **Journal of English for Academic Purposes**, v. 19, p. 22-31, 2015.
- NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. **Harvard Educational Review**, v. 66, n. 1, p. 60-92, 1996.
- RAVELLI, L.; MCMURTRIE, R. **Multimodality in the built environment**: spatial discourse analysis. Nova York, Londres: Routledge, 2012.
- ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, R.; MOURA, E. (org.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROJO, R.; MOITA LOPES, L. P. Linguagens, códigos e suas tecnologias. *In*: BRASIL/DPEM. **Orientações Curriculares do Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC/SEB/DPEM, 2004. p. 14-59.
- SANTOS, B. de S. Más allá del pensamiento abismal: de las líneas globales a una ecología de saberes. *In*: SANTOS, B. de S.; PAULA, M. (org.) **Epistemologías del Sur (Perspectivas)**. Madrid: AKAL, 2014. p. 21-66.